UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Departamento de Ciências Florestais

Aluno: Pietro Gragnolati Fernandes – 9817567

Utopia

A palavra Utopia, do grego *oú-topos,* que pode ser traduzida como “lugar inexistente”, surgiu após a criação da obra de Thomas More “A Utopia”, em 1516, para definir uma sociedade perfeita e irrealizável, onde a vida comunitária permanece em constante harmonia, o Estado age com sabedoria e o povo é feliz.

Esse pensamento se difundiu bastante pela literatura durante o século XVI, devido a substituição da produção agrícola pela produção de lã para a indústria têxtil no interior da Inglaterra, causando uma crise socioeconômica que atingiu o campo, fazendo com os que os filósofos da época idealizassem sociedades perfeitas (HORKHEIMER, 1971, p. 91; FRAJESE, 2009, p. 47; FRAGA, P. D, 2016, p. 2).

Com o passar do tempo esse conceito passou a ser muito criticado pelos intelectuais, como pode ser observado claramente na obra de Maquiavel: “Como minha intenção é escrever o que tenha utilidade para quem estiver interessado, pareceu-me mais apropriado abordar a verdade efetiva das coisas, e não a imaginação”.

Nos séculos seguintes, até meados do século XVIII, a utopia foi se associando a vida em comunhão com a natureza, carregada da ideia de “bom selvagem” e distanciando-se dos vícios causados pela civilização. Nesse contexto, a propriedade privada era considerada a fonte da infelicidade humana e eram idealizadas sociedades sem limites de fronteiras, cercas, propriedades, onde todos compartilhavam os recursos de maneira igual (FRAGA, P. D, 2016, p. 4).

Com o avanço do capitalismo na Europa, esse conceito de utopia se desenvolveu e originou o socialismo moderno, causado pela exaustão da classe operária devido a sua exploração e miséria econômica.

No final do século XX, a utopia adquiriu uma nova diretriz, guiada pela ideia de que ela se enraíza no presente em vista do futuro: “o amanhã vive no hoje e sempre se está perguntando por ele” (IBID., p. 461). Dessa forma, a sociedade utópica deixou de ser uma mera ilusão e passou a ser um objetivo final, surgindo assim o conceito de “utopia concreta” (FRAGA, P. D, 2016, p. 6).

A minha sociedade utópica, descrita a seguir, será baseada no conceito mais atual de utopia, sendo o meu objetivo para o futuro da humanidade baseado na sociedade que temos hoje.

A condição primordial de existência da minha sociedade utópica se baseia no antigo desejo de igualdade de oportunidades para todos, que serviu de base para a disseminação do socialismo durante um período de extrema desigualdade social na Europa. Portanto, nesta sociedade o governo teria o papel de redistribuir a renda gerada no país da forma mais justa possível, com tributação dos mais ricos e programas sociais aos mais pobres. Mas mais importante que distribuir a renda, é o Estado garantir o acesso à educação e saúde de qualidade de forma gratuita, além de uma segurança pública eficiente. Sendo assim, a falta de dinheiro afetaria apenas o poder de consumo das famílias, e não as necessidades básicas de formação de uma pessoa feliz, saudável e consciente.

Neste contexto, tanto os ricos quanto os pobres teriam condições mais justas para decidir qual caminho seguir, ambos com oportunidades de sucesso e com riscos de fracassos. O filho da faxineira não se vestirá com polos da Ralph Lauren e nem usará os óculos da Ray Ban, porém estudará na mesma sala que o filho do empresário, comerá da mesma comida e se tratará no mesmo hospital, tudo garantido pelo governo. Isso se trata de uma utopia pensando na sociedade brasileira, devido a formação histórica da nossa sociedade e de desenvolvimento do nosso país, porém alguns países europeus já estão bem próximos dessa realidade.

O segundo pilar da minha sociedade ideal é a queda total das instituições religiosas, dando espaço à filosofias individuais de criação e desenvolvimento do universo, levando em conta as experiências espirituais de cada um, sem tentar agrupar e mobilizar pessoas diante de uma imagem única. Sendo assim, cada um teria a sua posição sobre o cosmo, baseado na sua forma de ver o mundo, e as nossas dúvidas existenciais não serviriam mais para manipular pessoas e beneficiar pequenos grupos interessados. Para isso, é fundamental uma educação de extrema qualidade, para que todos tenham a capacidade de discernir crenças e mitologias de teorias, ideologias, linhas de pensamento, e que a racionalidade prevaleça sobre essas questões.

Por fim, o terceiro pilar dessa sociedade é o pleno respeito e admiração de todos pela natureza, onde a humanidade finalmente tenha adquirido a consciência de que de lá viemos, e para lá iremos, portanto é nosso papel viver em constante harmonia com as leis naturais. Após a revolução industrial nos distanciamos muito dessas leis, e hoje muitas pessoas esquecem que fazem parte de um sistema. Nessa sociedade, todos teriam plena consciência da insignificância de tudo o que conhecemos diante da imensidão do cosmos, e que o único caminho para uma vida de paz e felicidade é entrar em harmonia com o sistema no qual estamos inseridos.

E é nesse âmbito que eu pretendo atuar como profissional, garantindo o equilíbrio entre as atividades antrópicas e a natureza. Mais precisamente, atuaria na determinação dos usos de solo mais adequados para cada área, levando em consideração a produtividade é claro, mas sem deixar de lado a proteção dos recursos hídricos, manutenção da biodiversidade da fauna e flora, manejo adequado do solo para que nenhuma área seja exaurida, equilíbrio entre emissão e sequestro de carbono, redução da temperatura em áreas urbanas, dentre os inúmeros benefícios causados pela inserção do elemento arbóreo.

Dessa forma, os locais mais adequados para grandes monocultivos seriam destinados às grandes culturas, garantindo a regulação da balança comercial brasileira. Porém as demais áreas teriam o uso de solo mais adequado para a sua região, para o seu tipo de solo, de acordo com o bioma na qual ela está inserida, com práticas mais conservacionistas, compensando a produção intensiva das grandes culturas, sempre sem prejudicar os recursos hídricos e locais de proteção da biodiversidade.